

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CULTURA ESPANHOLA. BREVE NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. PEDRO BOSH GIMPERA - LOS IBEROS.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1949 | Número: 59

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Breve notícia de algumas publicações recentes. Pedro Bosh Gimpera - Los Iberos. *Revista de Guimarães*, 59 (3-4) Jul.-Dez. 1949, p. 507-510.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Esta formosa publicação fecha com o Discurso do Académico de número, Dr. D. Tomás Carreras y Artau, no qual este traça em linhas gerais, a história do extraordinário labor científico do Prof. Luís Pericot Garcia, e analisa os grandes ensinamentos que dimanam da admirável Oração proferida pelo novo Académico a quem a Instituição acabava de abrir as suas portas.

---

PEDRO BOSCH GIMPERA, *Los Iberos*, Separata de 93 páginas dos «Cuadernos de História de España», publicados pela Secção Espanhola do Instituto de Investigações Históricas da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires 1948.

O estudo dos *Iberos*, tantas vezes citados desde a segunda metade do século VI a. C., nos textos dos historiados antigos, tem merecido a inúmeros tratadistas, desde Humboldt, Jubainville, Philippon, Schuchardt e tantos outros, o maior interesse, traduzido numa copiosa e inexgotável bibliografia sobre o assunto. Nem por isso, todavia, o problema da etnografia dos Iberos, como povo indígena primitivo da Península, com características raciais definidas e uma cultura própria, se encontra suficientemente esclarecido.

Os textos clássicos são geralmente confusos e contraditórios, e a interpretação que se lhes tem dado não é menos confusa, por vezes. Contudo, é sobre os textos que têm de ser resolvidos os problemas históricos, embora auxiliados pela Arqueologia, aliás sempre menos esclarecedora do que as fontes literárias.

Que povo era esse dos Iberos, que os antigos escritores localizaram nas zonas mediterrâneas do sul e oriente da Península, e, além Pirineus, na região do Languedoc, e nos dizem que, mesclados, por volta do século III, com os Celtas invasores, deram origem aos Celtiberos da zona montanhosa da Meseta castelhana? Se a localização dos Iberos ficou assim confinada a uma parte da Península, não

constitui desde logo uma generalização absurda dos mesmos autores a designação de *Ibéria* tornada extensiva a toda a Península? Por esta razão, alguns investigadores, pondo em dúvida o valor dos textos, chegam mesmo a duvidar da própria existência dos Iberos como povo diferenciado, tomando a sua designação num mero sentido geográfico, sem objectividade étnica. Os Iberos não seriam mais do que Celtas, que ocuparam determinada região peninsular, da qual tomaram o nome.

Para Bosch Gimpera os Iberos não tem identidade alguma com os Bascos, como supõem os partidários do basco-iberismo, e o seu parentesco deve encontrar-se nos povos norte-africanos do Sara, pertencentes ao grupo ocidental dos «Camitas», cuja infiltração no Sudeste Espanhol deu origem ao desenvolvimento e expansão da chamada Cultura de Almeria. Esta espalhou-se por toda a zona levantina da Península e unificou então, sob a cultura saro-almeriense, as populações que constituíram o tronco primitivo dos *Iberos* históricos, e cujo nome os Gregos tornaram extensivo a outros povos peninsulares de cultura idêntica, contrastando com a Cultura céltica do Hinterland e do Ocidente.

Para o Prof. Pericot Garcia, antigo discípulo de Bosch, os Iberos são povos indígenas da Península, com a sua língua, a sua cultura e sua escrita próprias, racialmente mediterrâneos, mas de substrato em parte africano. Estes Iberos teriam sido influenciados especialmente pela Cultura grega, a partir do século VII a. C. Dessa influência nasceria a chamada *Cultura ibérica*, que perdurou com seus aspectos arcaicos até uma época tardia. Porém, outros investigadores querem que tal cultura seja apenas um produto do século III, e muito principalmente da Remanização.

Como se depreende desta rápida vista de conjunto, o problema é extremamente complicado, e está longe da sua solução definitiva.

Com a habitual documentação bibliográfica exaustiva e um enorme caudal de citações, que nos mostram a excepcional erudição e cultura do Prof. Bosch Gimpera, começa ele, neste seu valioso estudo, por

nos dar o panorama das mais remotas origens dos Iberos, descrevendo, em primeiro lugar, os movimentos populacionais dos Capsienses do Norte de África e suas infiltrações na Península, seguidas da actuação que sobre esses Capsienses da Cultura das Grutas foi exercida pelas sarianas, aos quais se deve o desenvolvimento e expansão da Cultura neoneolítica de Almeria. Descreve, em seguida, a evolução dessa Cultura e a transição para a Cultura argárica do Bronze, entrando depois na análise das colonizações históricas — Fenícios, Gregos e Celtas, nas suas relações com os Iberos. Ocupa-se finalmente dos Iberos históricos e seus agrupamentos tribais, ou seja dos *Bastetanos*, *Mastienos* e *Deitanos*; *Tartéssios*, *Turdetanos* ou *Túrdulos*, a cujo grupo pertenciam também os *Olbisínios*, *Gletes* e *Etmânios*; *Contestanos*, *Carpetanos*, etc.

Aborda ainda a influência dos elementos ibéricos no Hinterland, onde suplantaram as populações indígenas do centro de Espanha, de cultura de tradição capsense, e mais tarde se mesclaram com os Celtas invasores, dando origem ao Celtiberos, fusão de Celtas em terra anteriormente ocupada por Iberos, segundo a teoria clássica. Finalmente, alude às infiltrações mais longínquas dos Iberos, entre os Aquitanos, Bascos e Cântabros. Nega a existência de Iberos a Ocidente, e concorda portanto, agora, com Mendes Corrêa em que os Lusitanos não pertenciam ao grupo dos povos ibéricos, admitindo que fossem originários das populações pré-ibéricas, de raízes eneolíticas, possivelmente aparentados com os *Lusones* do vale do Jalon, celtiberos que igualmente considera de origem pré-ibérica.

A página 70 do seu notável estudo, a propósito dos elementos germânicos que acompanharam os Celtas na invasão da Península, cita, entre tais elementos, as tribos dos *Pemanos*, *Cimbrios*, *Cempsos*, *Nerviones*, *Eburones*, ligando a estes últimos o nome da cidade de Évora (= *Ébura*), e finalmente os *Tungros*, cuja existência em Portugal parece poder deduzir-se de algumas inscrições aqui aparecidas contendo antropónimos em que figura a raiz *tong-* ou *tung-*, como *Tongius* e *Tongetamus*, e ainda da ara existente no

Museu de Martins Sarmiento dedicada ao *Genio Tongobrigensium*, nome étnico que pressupõe uma cidade ou *oppidum* de Tungóbriga.

Este importante trabalho do Sr. Prof. Bosch Gimpera é modelar, como todos aqueles em que o erudito etnólogo e pré-historiador evidencia a sua larga visão de conjunto, acerca dos problemas gerais da formação dos povos peninsulares, e nos traça o quadro, sãbiamente delineado, dos grandes movimentos migratórios europeus, bem como da evolução das culturas e civilizações, de harmonia com uma clara e erudita interpretação das fontes escritas, sem desprezar contudo o testemunho dos monumentos da Arqueologia. Pena é que um cientista desta elevada categoria se encontre fora do seu ambiente pátrio, visto que Professores de um tão prestigioso valor intelectual são sempre raros e desejados em qualquer país.

---

MARTIN ALMAGRO, *Ceramica griega gris de los siglos VI y V a. de J. C. en Ampurias*. Separata da «*Rivista di Studi Liguri*», Ano XV, n. 1-2, p. 62 e ss. Bordighera 1949.

O Sr. Prof. Martin Almagro, prestigioso Director do Museu Arqueológico de Barcelona, publicou na *Rivista di Studi Liguri*, do Prof. Nino Lamboglia, um importante e detalhado estudo sobre um certo tipo de cerâmica, de pasta cinzenta escura, superfície polida e frequentemente ornamentada com linhas paralelas onduladas, fabricada em cidades gregas da Ásia Menor, e cedo imitada, posto que imperfeitamente, pelos oleiros do Mediterrâneo ocidental, sobretudo pelos fócios das feitorias gregas de Massália e Empórión. Este tipo de cerâmica, que o Sr. Almagro tem encontrado nos níveis arqueológicos mais antigos e profundos de Ampúrias, é por ele considerada um produto importado para aquela cidade directamente da Ásia Menor ou de Marselha, que mais tarde deu origem a imitações locais.